



MATERIAL DIDÁTICO IMPRESSO EM EaD: FERRAMENTA QUE SE ESTABELECE

MARILDA APARECIDA DE OLIVEIRA EFFTING

RESUMO

As práticas pedagógicas nos cursos de graduação a distância buscam, cada vez mais, a efetivação do processo de democratização do ensino em nosso país. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) sustentam as especificidades da educação a distância (EaD) nas mediações entre as partes interessadas na constituição dos diálogos necessários ao ensino–aprendizagem. Este artigo pretende levantar a relevância do material didático impresso (MDI), no caso específico, do curso de Letras Português oferecido pela Universidade Aberta do Brasil (UAB), em convênio com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A base preliminar, deste estudo de caso, foi verificada ao final do terceiro semestre do curso, iniciado em 2008. A pesquisa bibliográfica deu suporte para a análise das respostas, sob o método qualitativo e histórico, o que apontou amplo consentimento positivo, até então, quanto à importância do MDI como instrumento para as conexões do fazer educativo, (in)formativo e de orientação na EaD.

Palavras-chave: Material Didático Impresso; Educação a distância; Formação de Professores; Democratização do ensino.

1 INTRODUÇÃO

O ser humano que tudo faz para estar integrado ao seu espaço e tempo desenvolveu, pelo conhecimento científico, as altas tecnologias e, através delas, cada vez mais, (re)alimenta-se com novos conhecimentos. A educação, de um modo geral, reporta-se aos aparatos tecnológicos, isso de longa data, como meio de implementar e/ou otimizar as práticas pedagógicas. Contudo, a linguagem escrita, na forma impressa, condição basilar para a educação formal presencial, vem consolidando-se significativamente na modalidade a distância. Esclarecemos, de ante mão, que não pretendemos dicotomizar as modalidades educacionais – presencial e a distância -, em sentido hierárquico de importância, e sim, quando preciso, historicamente pelo percurso de atuação de cada uma delas. O duo de expressões se faz necessário para a condução deste texto que apresenta, em certa medida, o *status* do material didático impresso na EaD, e a representatividade desta, atualmente, no Brasil.

2 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: PRINCÍPIOS DE ATUAÇÃO E DE REGULAÇÃO

O percurso da Educação a Distância remonta ao século XVIII tendo como veículo, para as interações entre os envolvidos, a correspondência por correios, isso em nível mundial. Entretanto, há uma parte da história que confere o nascimento da EaD ao surgimento da imprensa. Alves (2004, p.09) comenta que, “com a criação da imprensa, tornou-se desnecessário ir às escolas para assistir o venerando mestre ler, na frente de seus discípulos, o raro livro copiado”. Tal comentário está aqui aludido à guisa de ilustração dentre as inúmeras explicações encontradas da origem da Educação a Distância e suas finalidades e, para tanto, reforçar que a palavra escrita é um recurso significativo nas mediações pedagógicas.

No Brasil as pesquisas apontam para o início do século XX as atividades direcionadas, como formativas, na modalidade a distância. Dos procedimentos e uso de meios virtuais daqueles tempos aos dias de hoje, no século XXI, vê-se uma revolução impulsionada pelas múltiplas tecnologias configurando os movimentos no entorno e no cerne da educação como um todo e, nesse bojo, a EaD sofreu modificações e se expandiu em todas as direções do território nacional.

No estágio atual, de difusão da EaD, no mundo e em especial no Brasil, essa modalidade tem se colocado como um processo sem volta. A realidade social, política e geográfica deste país são fatores que contribuíram, e continuam contribuindo, para a intensificação e a abrangência da EaD.

Diante de toda a reforma no planejamento e na arquitetura das propostas educacionais em nosso país, considerando que as tecnologias, de alguma maneira, estão em todas as partes, a serviço da população, o Governo Federal, em 2005, sanciona a Lei 5.622 que regulamenta a EaD, antes vinculada à Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que dispõe, no artigo 80, sobre a veiculação de “ensino a distância em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada”. Neste texto percebe-se uma generalidade sobre a utilização e aplicação dessa forma de educação. Portanto, foi com base no Decreto Lei 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que o Ministério da Educação e Cultura (MEC), criou o sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), vislumbrando, prioritariamente, a formação de professores para o Ensino Fundamental.

A UAB, ancorada por leis e pelo MEC, não é uma instituição física, ela atua, enquanto Sistema gestor e financiador, em acordo com instituições de ensino superior, já estabelecidas, nos planos federal, estaduais e municipais. O pano de fundo do Sistema é a democratização do ensino superior e, por extensão, a inclusão de profissionais da educação à formação inicial especializada, como podemos ver nos dois primeiros, dos cinco, princípios fundamentais, estabelecidos pelo Sistema,

1. Expansão pública da educação superior, considerando os processos de democratização e acesso;
2. Aperfeiçoamento dos processos de gestão das instituições de ensino superior, possibilitando sua expansão em consonância com as propostas educacionais dos estados e municípios. (UAB, 2005)

É interessante notar nos discursos dos órgãos que apregoam a “democratização e acesso” o quanto há de consentimento que uma camada social está fora daquilo que, certamente, lhe é de direito, o acesso à educação.

A democracia aqui entendida é relativa aos direitos consagrados de um povo que, durante anos, vive à margem das possibilidades em usufruir um direito legal, de formação educativa digna. A EaD, através UAB, é uma promessa à diminuição das desigualdades visto que orienta a interiorização do ensino superior, geograficamente falando, para atender as populações distanciadas dos centros urbanos e, por conseguinte, das instituições universitárias gratuitas.

3 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, MODALIDADE?

O discurso corrente direcionado à EaD traz consigo a palavra “modalidade”, o que remete à distinções, ou seja, à variações. O termo *educação* é uma designação, desde os tempos mais remotos, vinculado às práticas pedagógicas, aos fazeres inerentes ao espaço escolar, vislumbrando o ensino aprendizagem, com a presença do professor e de aluno, frente a frente, em sala de aula. Dessa forma, até o momento, e por um período, pode-se dizer curto, será aludido o termo modalidade a distância como interindicação ao ensino presencial. Com a expansão da EaD e a convergência de recursos metodológicos em todas as instâncias educativas (inclusive presencial), há a tendência do desuso da expressão “modalidade”, pois como observa Lévy (2001, p. 170) “A distinção entre ensino ‘presencial’ e ensino ‘a distância’ será cada vez menos pertinente, já que o uso das redes de telecomunicação e dos suportes multimídia interativos vem sendo progressivamente integrados às formas mais clássicas de ensino.”

Vê-se, pelo impulso natural do desenvolvimento técnico e cultural, a escola comum, em atendimento a alunos do ensino fundamental e do ensino médio, apropria-se, cada vez das tecnologias em seus ambientes de escolarização. Não somente sob a égide da “inclusão digital”, mas sim pela pertinência de atualização dos movimentos da sociedade. Pois, num tempo em que o tempo é delimitado pelas ações concorrentes aos resultados, a escola, como espaço de referência sobre os resultados para a formação da sociedade e das ações por ela implementadas, sofre (e faz sofrer) pressões à medida em que é esperado dela respostas plausíveis no plano da evolução, focada, principalmente, no aluno, enquanto ser em formação. Belloni (2001) manifesta preocupação com o uso das TICs, na educação de crianças, alega que se trata de uma questão mais ampla, tanto que “a integração das inovações tecnológicas aos processos educacionais vai depender então da concepção de educação das novas gerações que fundamenta as ações e políticas do setor” (2001, p. 55). As alegações de Belloni são pertinentes, no entanto, a situação está posta e, por conseguinte, os agentes educacionais

tendem, coercitivamente, por normas ditadas pelo sistema vigente, a criar estratégias que fomentem os eixos condutores dessas organizações sob o discurso de fortalecimento das práticas educativas. O eixo considerado como suporte para o estabelecimento da *ordem*, na escolarização de crianças, fica, normalmente, centrado na operacionalização, indicada pelo organismo escolar e com regência do educador. Este, por sua vez, na responsabilidade que lhe é conferida, trabalha para a concretização dos desejos representados, como resposta às exigências sociais.

Foucault (2002), ao tratar dos desejos e das suas representações, sem fazer alusão direta ao espaço e ao tempo escolar, lembra da importância, em todos os setores da vida humana em sociedade, em situar o saber, no aqui e no agora para que ele se constitua e se preserve, como justificativa da “existência” (2002, p. 288) e, nessa perspectiva, dar sentido as coisas. Na vertente ora colocada, a demarcação de espaço e de tempo, para os usos das TICs, nos exercícios da e na escola, são condições necessárias para que os alunos signifiquem os saberes, numa acomodação dialógica entre os diferentes movimentos espaciais e temporais dentro e fora da instituição escolar, isso implica, segundo os pressupostos de Freire (2004, p. 77), em “decisão, escolha, intervenção na realidade”, e isso está direcionado à criança em fase inicial de ensino-aprendizagem e ao educador em processo de formação inicial.

A formação de professores, bem como o processo de formação continuada desses profissionais é importante para a integração e atualização dos mesmos às possibilidades de práticas mediadas pelas tecnologias. É inegável a necessidade de ações educativas, sem resistências e com destreza, à realidade presente das crianças em todos os espaços pelos quais elas transitam. À escola em consonância às práticas pedagógica está delegada boa fatia de responsabilidade sobre a condução desse preparo social virtualizado. Ao professor cabe atualizar-se, diariamente, para dar conta dessa demanda, sem correr o risco de estigmas atemporais.

A imersão das tecnologias na educação de criança é uma ferramenta dentro do espaço escolar e no tempo delimitado, normalmente, pelo professor ou profissional indicado para as atividades integradas.

No duo educacional – presencial e a distância -, entende-se que subjaz uma crença de superposição do presencial sobre o a distância. Isso é devido à aplicação indiscriminada e pouco criteriosa da Educação a Distância por parte de algumas instituições. Contudo, existem

entidades sérias com propostas igualmente sérias para atender a demanda excedente de alunos fora das universidades presenciais. Um dos grandes desafios da UAB é atender boa parte dessa população com garantias à qualidade cristalizada do ensino superior público.

Convém salientar que a modalidade a distância quando conduzida no rigor dos parâmetros condizentes de gestão e de procedimentos pedagógicos tem resultados significativos na formação dos alunos. Muitos são os autores que discorrem sobre a EaD como uma prática satisfatória de educação desde que entendida nas suas particularidades. De acordo com Gutierrez & Pietro (1994), Lévy (1991, 2001), Litwim (2001), Moran (1998) a modalidade a distância, atualmente, é reconhecida pela importância de atuação, com qualidade, às propostas de acesso ao ensino.

4 MATERIAL DIDÁTICO IMPRESSO: LINGUAGEM ESCRITA NA EAD

Do conjunto de fatores que mobilizam o ensino aprendizagem, na educação a distância, a linguagem escrita, tem acento na transposição dos conteúdos das disciplinas curriculares e enquanto método de comunicação entre professor e aluno. Na EaD a concorrência entre o material escrito com as demais ferramentas utilizadas e disponibilizadas para mediar o ensino, parece desleal, se considerado o volume de oferta, pelas atuais TICs, através das quais a EaD é sustentada.

Em colocações anteriores, neste texto, foram trazidas algumas falas problematizantes sobre as tecnologias nas esferas educacionais, principalmente com crianças. Mesmo elas que desde o nascimento convivem, de certa forma, harmoniosamente com as tecnologias (provavelmente não entenderiam o mundo em outra formatação), carecem, em determinados momentos, de uma voz mais próxima. Alguém que as conduzam, que as aconcheguem, que as tire do espaço hermético das *máquinas*. As TICs, salienta Moran (1998, p.12), “são importantes, mas não resolvem as questões de fundo, ensinar e aprender são os maiores desafios que enfrentamos”. A comunicação mediadora é chave mestra para a compreensão e (re)elaboração dos enunciados na condução educativa.

O texto escrito está no estande da virtualidade, assim como as demais mídias que compõe a educação do tempo presente. Porém, na produção direcionada à EaD, apesar da virtualidade inegável, existe uma presentificação do professor da disciplina ou do professor conteudista na formulação do diálogo com o aluno. O professor ao redigir as suas aulas, vai direcionar, por exemplo, os seus questionamentos aos pontos mais problemáticos em relação à sua disciplina. Isso é uma questão discutível? Sim, é. As turmas são heterogêneas. O material

seguirá para diferentes direções, para diferentes regiões. Parece um retorno às infundáveis discussões sobre os livros didáticos das escolas brasileiras.

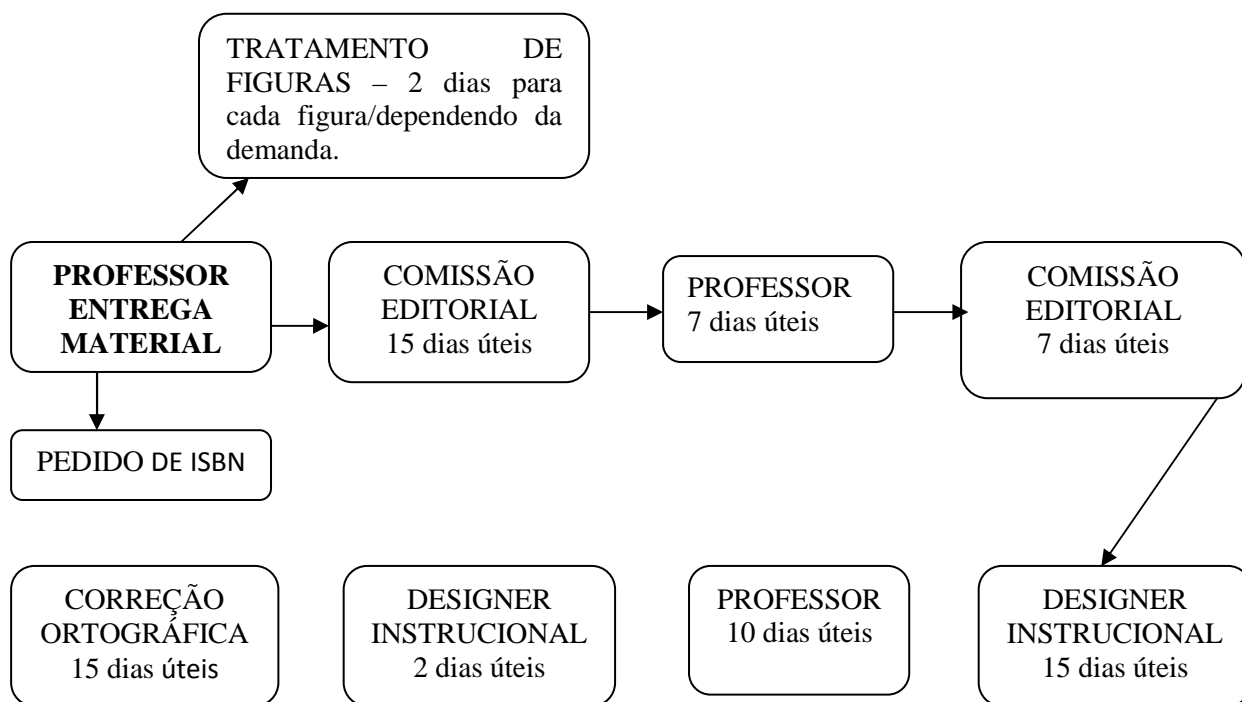
Então, uma das preocupações centrais no ato da escritura do material é manter o foco na clientela a ser atendida. Soletic (2001, p. 78), diz que:

Nos programas de Educação a distância e em todos os níveis em que são implementados, o problema de como garantir uma adequada comunicação entre docentes e alunos obriga a prestar especial atenção à definição do perfil do destinatário. Isso quer dizer que, para poder estabelecer como e o que se escreve, é necessário saber para quem se escreve.

Mesmo com aos cuidados acima citados é improvável o um alcance da totalidade, se realidades tão díspares são encontradas dentro do mesmo país. O Brasil, na sua extensão geográfica, desfavorece o reconhecimento dos perfis, o que acontece são algumas generalidades. Uma universidade do sul oferece cursos para norte, nordeste, centro oeste, regiões com singularidades nas culturas, costumes, situação social, econômica, etc. No entanto, os cursos oferecidos são de formação de ensino superior, o trato no material escrito deve partir de um plano mais amplo, dentro das especificidades mais recorrentes, até o que pode ter de mais próximo ou adaptável aos pólos atendidos.

A distância entre professor e aluno, em EaD, não tira, desse programa, a noção de coletividade. A EaD é edificada em bases sistemáticas e compartilhadas para que todo o trabalho e, por extensão a aprendizagem, cheguem ao seu destino final, à formação de alunos que atuarão profissionalmente com outros alunos, na progressiva cadeia educacional.

O organograma, abaixo, dá a dimensão dos trâmites à finalização do MDI. A sequência mostra da entrega do texto elaborado pelo(s) professor(es) à chegada aos polos.



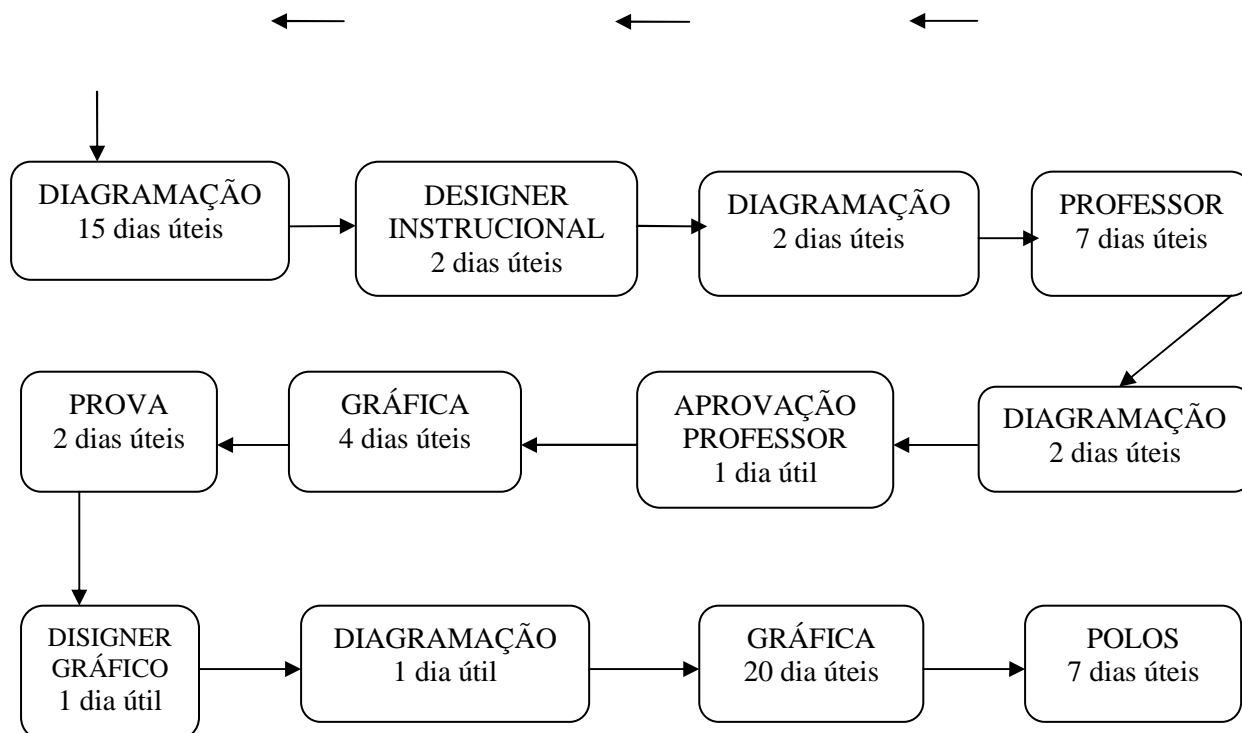


Figura 1: Sequência de montagem do MDI

Fonte: Modelo usado pelo LANTEC/UFSC

As estratégias pedagógicas (d)escritas nos materiais resultam de equipes interdisciplinares. Cada profissional responde por uma parcela da produção. Em posição de especialistas cada um indica em que sentido cada palavra, cada traço, cada diagramação deve seguir para firmar o diálogo com os alunos. O consenso é árduo para as tomadas de decisões. Problemas diagnosticados no percurso da montagem de um livro texto são entraves que, em certas instâncias, desmobilizam a sequência do trabalho, porém, na maioria das vezes funcionam como molas propulsoras à superação de outros problemas já existentes e de alerta aos que possam advir.

O fato do material escrito resultar do trabalho de uma equipe, com os suportes tecnológicos, não configura fragmentalidade. A intenção em unir conhecimento é para corroborar a construção de mais conhecimentos. Todas as *lincagens* convergem à satisfação do que reivindica a educação no construto do desenvolvimento intelectual e social. Moran (1998) ao direcionar o olhar para “a construção do conhecimento na sociedade da informação”, professou:

O conhecimento não é fragmentado mas interdependente, interligado, intersensorial. Conhecer significa compreender todas as dimensões da realidade, captar e expressar essa totalidade de forma cada vez mais ampla e integral. Conhecemos mais e melhor conectando, juntando, relacionando, acessando o nosso objeto de todos os pontos de vista, por todos os caminhos, integrando-os da forma mais rica e criativa. (MORAN, 1998, p. 18).

Os cruzamentos dos saberes, ao menos nesses momentos, quebram um pouco do poder individualizado do professor especialista em deter e repassar sozinho os conhecimentos centrados nele, comumente, pela disciplina que responde. O conteúdo passa por avaliações de outros *personagens* da composição desse elenco. A autonomia do professor passa por subdivisões e transferências nas partilhas do fazer pedagógico. Com muitos olhares atentos difícil são os deslizes, porém, não são totalmente inevitáveis.

A EaD trabalha com uma dinâmica de equipe para dar conta das suas atividades, inclusive, das *aulas escritas* (aqui nos referimos ao material escrito), porém, um professor (ou mais de um, isso depende do curso e da disciplina) representa uma disciplina em específico. A palavra escrita, pois esta representa a fala do professor, é uma possibilidade de aproximação com o aluno. As expressões estruturadas no MDI além de tratar do conteúdo formal de uma disciplina, orientam exercícios, atividades em Ambientes Virtuais, trabalhos escritos, pesquisas. Em suma, o que o professor normalmente faria se estivesse diante dos alunos. Assim, as palavras precisam dizer mais do que um simples enunciado elas precisam dialogar. Causar impacto. Despertar curiosidade. Instigar outras buscas. Não entendemos a linguagem escrita, em EaD, como um processo de homeogeneização, e sim um meio do aluno sentir, sem embargo, a *presença* do professor.

A educação é produzida e reproduzida por palavras e é através delas que todas as relações se constituem. As palavras escritas e faladas são artifícios para sequenciar diálogos. O diálogo ultrapassa as entrelinhas dos discursos. As palavras têm tarefa especial de tangenciar a compreensão nas relações humanas, ou sugerir-lhes sentidos. Os sentidos, para Orlandi (2003, p. 44), “não estão assim predeterminados,” para constituírem-se dependem das relações discursivas que passam pela “contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações”. As palavras dizem o que se quer que ela diga, mas nem sempre aquele que a recebe extrairá dela a mesma frequência enunciativa, ou seja, nem sempre ela produzirá no outro o que aquele que a enunciou tencionou. Bakhtin (1995), sobre as palavras, teoriza o seguinte:

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas

ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio pelo qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças. (BAKHTIN, 1995, p. 36)

Do poder emanado das palavras, conforme as descrições bakhtinianas, os professores, com tarefas dialogais, pisam em terrenos sensíveis, ao enunciarem as suas aulas. Com um conjunto de palavras constroem comunicações e as palavras proferidas se perdem se não estabelecerem diálogo entre os sujeitos envolvidos no processo. Tornam-se palavras vazias de sentido.

5 SOBRE A PESQUISA

Ao final do terceiro semestre do curso de graduação em Letras Português, iniciado em 2008 e oferecido pelo convênio UAB/UFSC a seis pólos, sendo 2 catarinenses, 1 mineiro e 3 paranaenses, os alunos foram questionados sobre a qualidade interativa do MDI.

Apenas uma pergunta foi encaminhada, via e-mail, aos 238 alunos matriculados. A surpresa foi no total de respostas devolvidas. Do universo de 238 alunos questionados 33 não responderam. Dentre os que não responderam 11 eram desistentes. Dos que encaminharam as suas respostas, alguns mais explicativos outros nem tanto, porém, todos os que manifestaram suas considerações disseram que o MDI cumpre o seu papel e com qualidade, na apresentação dos conteúdos e nas dinâmicas comunicacionais e de mediação. Apesar da pouca interatividade do material impresso ele consegue, devido aos grandes esforços conjuntos, preencher, em certa medida, as lacunas da possibilidade de respostas imediatas às dúvidas surgidas e não sanadas sem os aportes de uma explicação adicional.

Alguns acadêmicos reiteraram a importância do MDI no quesito flexibilidade de acesso em lugares distintos e quanto ao aproveitamento do tempo para leitura/estudo. A acessibilidade instável das tecnologias virtuais, em alguns polos, é um fator que coloca o MDI como um instrumento com “presença” garantida em relação ao andamento do curso.

No caso colocado como estudo os apontamentos positivos dos alunos, referentes ao MDI, fortalece a qualidade da EaD e dos suportes utilizados para a implementação do processo educacional nessa modalidade. Que a linguagem adequada e a sensibilização dos profissionais da educação são imprescindíveis para a produção do conhecimento, como observam Litwin (2001), Martins (1991) e Moran (1998).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo apresentar um caso que, pelo resultado visto, aponta para o sucesso de aplicações de propostas bem elaboradas a serviço da democratização do ensino brasileiro.

Demo (1996) enfatiza que as pesquisas, em todas as esferas da educação, fomentam a modernização das práticas educativas e descentram a responsabilidade dos sujeitos desse processo, fazendo com que todos possam olhar e opinar, o que aumenta os ressignificados. Os questionamentos são reconstrutivos diante das necessidades educativas.

Para Freire (2004) as inquietações devem ser manifestadas e são elas que nutrem as discussões que, conseqüentemente, orientam mudanças. Discutir sobre o que está funcionando e o que precisa ser modificado, nos contextos educacionais, sinaliza para propostas de uma educação ativa e alicerçada pelo diálogo. Isso significa democracia educacional.

Na perspectiva de práticas pedagógicas democráticas, este texto possibilitou uma visão, mesmo que micro, sobre o MDI enquanto ferramenta mediadora, com finalidade de atendimento à EaD, nas suas distantes comunidades acadêmicas, e de como os órgãos públicos de educação podem redirecionar as concepções e unir esforços para minimizar a carência formativa de professores do ensino fundamental e médio em todas as latitudes do Brasil.

REFERÊNCIAS:

ALVES, João R.M. **Educação a Distância e as novas tecnologias de informação e aprendizagem.** Artigo do programa novas tecnologias na educação. In: <http://www.engenheiro2001.org.br/programas>. Acesso em: 31 de outubro de 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: HUCITEC, 1995.

BAUDRILLARD, Jean. **Tela total.** Mito-ironias do virtual e da imagem. Ed. 4ª. Trad. Juremir M. da Silva. Porto Alegre/RS: Sulina, 2005.

BELLONI, Maria Luiza. **A integração das tecnologias de informação e comunicação aos processos educacionais.** In: Tecnologias educacionais e Educação a Distância: avaliando políticas e práticas. Rio de Janeiro: Quartet, 2001. p. 54-73.

CASA CIVIL. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm. Acesso em: 29 de agosto de 2010.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa.** Campinas/SP: Autores Associados, 1996

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas.** Uma arqueologia das ciências humanas. 8ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GUTIERRES, Francisco; PRIETO, Daniel. **A mediação pedagógica**: Educação a distância alternativa. Campinas/SP: Papirus, 1994.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1991.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesus & REY, Germán. **Os exercícios do ver** – Hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: Editora SENAC-SP, 2001.

MARTINS, Onilza Borges. **A educação a distância e a democratização do saber**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1991.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos F.; BEHRENS, Marilda A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 1998.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**. Princípios e procedimentos. Campinas/SP: Pontes, 2003.

SOLETIC, Angeles. A produção de materiais escritos nos programas de Educação a Distância: problemas e desafios. In: LITWIN, Edith. (Org.) **Educação a Distância** – Temas para o debate de uma nova agenda educativa. Porto Alegre/RS: Artmed, 2001.

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL. http://uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=111&Itemid=27. Acesso em 29 de agosto de 2010.